

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

GUILHERME VINICIUS MENEZES SILVA

A QUESTÃO DA TÉCNICA HEIDEGGERIANA NO AMBIENTE DIGITAL

CAMPINAS

2022

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CCHSA – CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE FILOSOFIA – LICENCIATURA
GUILHERME VINÍCIUS MENEZES SILVA**

A QUESTÃO DA TÉCNICA HEIDEGGERIANA NO AMBIENTE DIGITAL.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina de Pesquisa Filosófica – Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de Licenciatura em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Marco Antonio Chabbouh Junior, como exigência para obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

CAMPINAS

2022

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CCHSA – CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE FILOSOFIA – LICENCIATURA
GUILHERME VINÍCIUS MENEZES SILVA**

A QUESTÃO DA TÉCNICA HEIDEGGERIANA NO AMBIENTE DIGITAL.

Trabalho de conclusão de curso
defendido e aprovado no dia 30 de
novembro de 2022 pela comissão
examinador

Prof. Dr. Marco Antonio Chabbouh Junior
Orientador e presidente da comissão
examinadora.
Pontifícia Universidade Católica de
Campinas

**CAMPINAS
2022**

142.7 Silva, Guilherme Vinicius Menezes

S586q

A questão da técnica Heideggeriana no ambiente digital / Guilherme Vinicius Menezes Silva. - Campinas: PUC-Campinas, 2022.

51 f.

Orientador: Marco Antonio Chabbouh Junior.

TCC (Licenciatura em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Fenomenologia. 2. Metafísica. 3. Ontologia. I. Chabbouh Junior, Marco Antonio. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Faculdade de Filosofia. III. Título.

CDD - 18. ed. 142.7

Dedico este trabalho em primeiro lugar a Deus que me deu a vida e até aqui me sustentou. Aos meus pais por terem me deixado vir ao mundo, terem cuidado, educado e me sustentado em todos os sentidos principalmente a não desistir dos meus estudos e sonhos. E a todos os amigos que a vida me deu e que sempre acreditaram em mim e nunca me criticaram quando sempre coloquei o estudo em primeiro lugar na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Associação Aliança de Misericórdia a Associação Privada de Fieis da qual estive ligado e fui membro interno durante nove anos da minha vida. Os meus sinceros agradecimentos a esta Comunidade por ter tido a oportunidade de estar ali entre formações e missões onde muito me ensinou, me formou. Também porque foi por meio dela que tive a oportunidade e privilégio de entrar na vida acadêmica nos estudos universitários e em especial no mundo da Filosofia.

Gostaria também de agradecer ao Padre Custódio que se tornou um grande amigo e irmão. E que foi uma das pessoas que lá anos atrás me disse que tinha uma vocação intelectual. Que sempre me incentivou em meus estudos e sonhos acadêmicos.

A vida universitária só é possível se realizar pela fonte que nasce nos cursos que chama amizade. Nós não chegamos a lugar nenhum sozinhos. Por isso, aqui não poderia deixar de citar alguns amigos que se tornaram irmãos ao longo de tantos anos dedicados ao estudo da filosofia. E não apenas discentes e companheiros de sala como também tantos docentes que foram muito importantes para que eu pudesse chegar até aqui.

Agradeço de coração ao Professor Mestre André Suello da Universidade de Sorocaba que desde o início foi uma fonte de inspiração foi ao olhar para ele que comecei a me apaixonar pela filosofia e pela docência. Ao Professor Dr. Benedito, tão carinhosamente conhecido como Benê, por tantos e tantos ensinamentos, que muitas vezes em seu modo nada ortodoxo nos ensinava como Sócrates a não ter medo de ser autêntico, mas o maior de todos de que não aprendemos apenas na sala de aula e que toda a vida, todo movimento de um professor ensina e inspira. Ao Professor Dr. Paulo de Goés que me ensinou que o conhecimento, o estudo se faz no esforço na dureza de não desistir de um texto difícil, na solidão de cada estudante de sentar e ler e escrever e de novo e de novo e sempre.

Ao professor Dr. Renato Kirchner, na rica experiência como meu professor e depois como orientador na pesquisa da Iniciação Científica. Ao professor Mestre Hugo por me ensinar a ver as relações humanas dentro de outras perspectivas. Ao professor Dr. Sérgio que esteve conosco desde o início e muito nos ensinou sobre educação e

seus dilemas. E é claro ao professor Dr. Marco Chabbouh pelo cuidado ao orientar este trabalho de conclusão de curso.

A alguns amigos que foram especiais nesses anos, como a Flávia, o Ramon e o Pedro na qual tive a honra de conviver e aprender muito com eles na Universidade de Sorocaba. A Júlia, que na PUC me acolheu quando cheguei. A Danniele Braga que tive a honra de conhecer e conviver e muito me ensinou sobre a importância do respeito as diferenças e de se colocar no lugar do outro. A Ana Caroline que também conheci e convive nestes anos se tornando juntamente com a Danniele o grupo de realizações dos trabalhos acadêmicos ao longo dos semestres. Tivemos dificuldade no início, mas depois nos tornamos amigos e ela muito me ensinou sobre perspectivas da vida da qual eu não vivi e muito me ajudou a ver a experiência humana por outros olhos que não fossem apenas o meu na minha bolha. Todos estes amigos se tornaram força em todos os momentos em que cansei e que pensei em desistir.

A CAPEs e CNPq pela bolsa de pesquisa de Iniciação Científica que possibilitou mergulhar na área de pesquisa abrir novos horizontes, aprender muito mais com os professores e membros do Programa de Pós-Graduação em ciência da religião da PUC-Campinas. Ao PIBID (Programa de Iniciação à Docência) da qual também recebi a bolsa e muito pude aprender e crescer dentro do programa numa inserção dentro da escola pública. A Pontifícia Universidade Católica por ter me concedido bolsa pelo vestibular social.

Também não poderia deixar de agradecer aos meus pais, Carlos Antônio e Ana Maria. Que sempre me apoiaram em todas as minhas escolhas na vida. Que me incentivaram a continuar os estudos quando tudo mudou. Que me sustentaram em todos os sentidos até mesmo financeiramente para conseguir pagar a faculdade, a van no tempo que não tinha bolsa. Sempre estando ao meu lado e me apoiando a nunca desistir dos estudos e do meu sonho de me formar e ser professor. Eu jamais chegaria até aqui sem eles.

E é claro minha gratidão a Deus por tudo que vive na minha vida em especial nestes anos de experiência acadêmica passando por três instituições. Tendo a oportunidade de conhecer tantos professores e colegas de classe. E em meio as dificuldades de mudanças de instituição até aqui me sustentou.

“Nenhuma época soube tantas e tão
diversas coisas do homem como a nossa.
Mas em verdade, nunca se soube menos
o que é o homem.”

Martin Heidegger
(1889 – 1976)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar a importância da filosofia e do pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger para uma melhor compreensão dos fenômenos da atualidade tais como as novas tecnologias e o ambiente digital. Passando pelo domínio do que o filósofo alemão chamou de – a questão da técnica em sua conferência de 1953. Heidegger apresenta a essência da técnica como algo não técnico que acaba por atingir diretamente a humanidade em uma dominação da técnica sobre o homem. O avanço técnico científico ganha um novo espaço e uma nova abordagem no fim do século XX com o nascimento da internet. E a proposta deixada por Heidegger pode auxiliar numa análise crítica da sociedade pós-moderna marcada pela cibercultura e o ciberespaço. A metodologia utilizada foi a hermenêutica fenomenológica dentro da análise bibliográfica. Tendo como referencial principal a obra - Ensaios e conferências de Martin Heidegger da qual contem a conferência proferida pelo mesmo em 1953 – A questão da técnica. Tendo como apoio outras obras bibliográficas de comentadores do filósofo. Sendo o autor mais utilizado o Doutor Francisco Rüdiger professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Os resultados obtidos são de que a essência da técnica – Ge-stell que Heidegger vai chamar de dis-posição ou dis-ponibilidade se faz presente mais do que nunca no século XXI através das novas tecnologias e acima de tudo no ambiente digital. O pensar técnico que gera na humanidade uma grande crise na formação da sua própria identidade assim como no seu modo de ser e de agir no mundo. Conclui-se então que é necessário como afirma Rüdiger ao olhar para tais questões da atualidade numa hermenêutica heideggeriana uma fenomenologia da tecnologia e do ambiente digital. E isso não seria possível sem uma base a partir da hermenêutica de uma analítica fenomenológica existencial do filósofo alemão Martin Heidegger.

Palavras-chave: Técnica. Fenomenologia. Metafísica. Ontologia. Ambiente digital.

ABSTRACT

This research aims to demonstrate the importance of the philosophy and thought of the German philosopher Martin Heidegger for a better understanding of current phenomena such as new technologies and the digital environment. Going through the domain of what the German philosopher called – the question of technique in his 1953 conference. Heidegger presents the essence of technique as something non-technical that ends up directly reaching humanity in a domination of technique over man. The scientific technical advance gains a new space and a new approach at the end of the 20th century with the birth of the internet. And the proposal left by Heidegger can help in a critical analysis of postmodern society marked by cyberculture and cyberspace. The methodology used was phenomenological hermeneutics within the bibliographic analysis. Having as main reference the work - Essays and conferences by Martin Heidegger, which contains the conference given by him in 1953 - The question of technique. Supported by other bibliographical works by commentators of the philosopher. The most used author being Doctor Francisco Rüdiger, professor at the Federal University of Rio Grande do Sul and at the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul. The results obtained are that the essence of the technique – Ge-stell that Heidegger will call dis-position or dis-availability is present more than ever in the 21st century through new technologies and above all in the digital environment. The technical thinking that generates in humanity a great crisis in the formation of its own identity as well as in its way of being and acting in the world. It is then concluded that it is necessary, as Rüdiger states, when looking at such current issues in a Heideggerian hermeneutic, a phenomenology of technology and the digital environment. And this would not be possible without a basis from the hermeneutics of an existential phenomenological analysis of the German philosopher Martin Heidegger.

Keywords: Technique. Phenomenology. Metaphysics. Ontology. Digital environment.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A TÉCNICA HEIDEGGERIANA	14
3. AS NOVAS TECNOLOGIAS E O AMBIENTE DIGITAL	21
4. A QUESTÃO DA TÉCNICA HEIDEGGERIANA NO AMBIENTE DIGITAL	27
5. CONCLUSÃO	48
6. REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como ponto de partida demonstrar o quanto é importante e atual a filosofia de Martin Heidegger. Num processo de reflexão e de atualização de seu pensamento aos modelos de técnica/tecnologia do século XXI.

A ideia sobre a questão da técnica é um dos temas que o filósofo alemão Martin Heidegger traz em sua filosofia e abordado em sua famosa conferência de 1953. A essência da técnica por assim dizer, não é técnica. Ele propõe de forma perspicaz que não são os aparelhos de tecnologia ou as máquinas, mas o que está por trás disso que provoca algo no ser humano atingindo diretamente sua existência. Tornando-se assim um grande crítico da sociedade do século XX da qual ele fazia parte.

Heidegger usa o conceito de “*Ge-stell*” que pode se traduzir por armação, esqueleto, composição e disponibilidade, disponibilidade esta que estaria ligada a uma espécie de descobrimento da realidade. Heidegger afirma que o des-encobrir da realidade é próprio do ser, está contido inclusive no conceito mais primitivo de verdade *Alétheia* – o desvelar. Mas, que a essência da técnica moderna que leva o homem com o pensamento técnico a explorar a realidade perde o controle e o cuidado do cuidar, ou salvaguardar próprio também do homem na escuta do ser.

A compreensão daquilo que o filósofo alemão expõe como a essência da técnica moderna pode ajudar a compreender elementos tais como o ambiente digital e toda sua multiplicidade. Fenômenos contemporâneos como as redes sociais, tão presentes na vida do homem, que aos poucos vão perdendo sua diferenciação com aquilo que era considerado real, isto é, o que está fora do mundo digital e vão se tornando oportunidade no mais amplo sentido da palavra.

O ambiente digital seria o novo *Ethos* que forma e molda a sociedade na disponibilidade e dis-posição (*Ge-stell*) presente na chamada técnica moderna que leva a uma exploração. Exploração esta que num primeiro momento no século XX foi direcionada para a natureza, mas que inevitavelmente atingiria o ser humano dentro da lógica do pensamento técnico. Perceber a essência da técnica presente no ambiente digital e nas redes sociais é chegar à percepção que estes tomam a

humanidade e acabam determinando o modo de ser no mundo, sendo assim, existiria uma interferência destes meios sobre a vida do homem.

Agora se está vivendo a dominação da técnica e do pensamento tecnológico. Assim deixando de lado a experiência profunda da escuta do ser e da própria experiência humana na formação de sua identidade enquanto o des-encobrir da realidade e do próprio eu.

Corre-se o risco de classificar o filósofo como muitos fizeram de o filósofo da técnica. Mas, isso seria tão ingênuo quanto não ler sua obra. Antes de mais nada, Martin Heidegger está voltado para a essência da técnica que estaria para além da condição de ente (aparelhos). Mas, para as condições de possibilidade de ser no mundo que no limite último sucumbe ao homem entregando-se loucamente ao domínio do imperialismo do técnico (*Ge-stell*) planetário.

Para isso, o caminho proposto é num, primeiro momento, compreender a técnica heideggeriana. Após, o que está posto como as novas tecnologias e o ambiente digital. E a última parte tratará da questão da técnica heideggeriana no ambiente digital e, com isso, toda interferência que existiria do digital à existência do homem, inclusive determinando modos de ser e de pensar no mundo.

A TÉCNICA HEIDEGGERIANA

Para Heidegger, o constante desenvolvimento da *Téchne*, já é um processo antigo que aponta para o desenvolvimento científico e positivista dentro das ciências da natureza.

O que é importante salientar é que Heidegger não é o primeiro a falar sobre a técnica. Autores como Hebert Spencer e até mesmo a escola de Frankfurt ali mais próxima historicamente do filósofo alemão já falaram e estavam falando sobre o desenvolvimento técnico. A diferença é que o filósofo não está olhando para a técnica como um instrumental antropológico, como apenas um aparato, aparelho, utensílio ou dispositivo. É por isso que ele vai afirmar que a questão da técnica não é técnica; é uma mudança de perspectiva e de paradigma, olhar para a técnica de forma essencial e não instrumental.

É claro que ao longo da história da humanidade a técnica vai se consolidar em artifícios, instrumentos em auxílio da vida e da própria sobrevivência da espécie. Mas, o que significaria olhar para a técnica de forma essencial e não instrumental? É entender que metafisicamente para o autor existe outros elementos que estão em constante relação com a técnica ou mais precisamente com a essência desta.

A primeira relação é entre técnica e *poiesis*. *Poiesis* é uma palavra grega para designar produção e desta que virá o termo poesia. É poético todo processo pelo qual alguma coisa é revelada. A própria natureza é *poiesis*, um exemplo disto é o processo de germinação e floração de uma planta. Sendo assim a técnica enquanto tal em suas origens é participe da *poiesis*. Quanto um artesão ainda na técnica de manualmente constrói um objeto como um vaso de barro, por exemplo, ele está trazendo à realidade algo que está sendo revelado, que é revelado pela própria realidade por esse fazer técnico que é *poiesis* que passa pelo ente homem e suas mãos. E como é que as coisas se dão à realidade visível?

As coisas só se dão porque existe uma relação da *poiesis* e da técnica com a *aletheia*. Se a técnica é o domínio da produção (*poiesis*) e está se dá como meio pelo qual acontece uma revelação tudo isso só é possível porque a técnica estaria ligada à verdade (*aletheia*). Verdade é *Aletheia* do grego que significa desvelar, descobrir. A técnica quando ainda em seus primórdios e o meio pela qual o ser humano encontra a abertura do ser para então concretizar em seu fazer (*poiesis*) o

desvelar da realidade que se dá. O artesão que molda num objeto revela numa matéria uma forma e uma finalidade. Passando assim esta forma e finalidade de um modo latente para um modo manifesto.

Entendido isso, é claro para o filósofo ao retornar aos gregos e aos termos de que a *Téchne* está ligada a *poiesis* e à *aletheia*. A *Téchne* enquanto produção (*poesis*) existe tanto na *Physis* (natureza) como nas artes ou produções humanas. O esteio da *Téchne* é o vir-a-ser e as coisas podem vir a ser por si mesmo no caso da natureza e pode vir a ser através de uma técnica. Um exemplo disso é a natureza em seu desvelar (*aletheia*) dá a uva, mas não dá por si só o vinho, este por sua vez necessita da técnica do homem para vir-a-ser enquanto tal participando deste desvelar da realidade que passa pela *poiesis* e pela *Téchne*.

A grande questão é que se tem *poesis* na uva, no vinho assim como se tem *poesis* na bomba atômica. Naquele momento em que proferiu a conferência a respeito da questão da técnica o mundo estava vivendo os efeitos do fim da Segunda Guerra Mundial. A humanidade tomada ainda de muito medo das bombas atômicas a exemplo das que os Estados Unidos da América tinham lançado sobre o Japão. Heidegger vai chamar esse momento de era atômica com o início da Guerra Fria. E é justamente aqui que Martin Heidegger vai fazer a distinção entre a *Téchne*, esta que é apresentada pelos gregos, da chamada técnica moderna.

O pensar tecnicamente, segundo o autor, que culmina com o fim da metafísica nesse processo é quando a instrumentalização começa a imperar e sobrepor a experiência. Instrumentalização de todos os entes, inclusive o próprio ser humano. Não mais o pensar reflexivo, próprio da *poiesis*, mas o pensar tecnológico.

A técnica moderna tem suas diferenciações com a *Téchne*, a técnica lá em seus primórdios. Para o autor isso começa a mudar a partir de Renè Descartes, na relação sujeito objeto. E de que é nessa relação em que o sujeito olha para o mundo e define o mundo a partir da sua racionalidade e subjetividade. E é esta estrutura que fundamenta a técnica moderna e é nesta estrutura que a técnica moderna vai se dar numa relação que coloca o homem com a dicotomia entre explorador e explorado.

É como se houvesse uma mudança de natureza da técnica artesanal para a técnica moderna. Na técnica moderna há uma intimação feita a natureza para que ela entregue todas as riquezas. Tudo ao redor do ser humano não passa de um entreposto, um fundo de recursos a se explorar. Coisa que não acontecia antes,

antes da modernidade o ser humano não tinha esse olhar para a realidade que poderia até se dizer um olhar utilitário.

O filósofo deixa claro em sua conferência de 1953 – *A questão da técnica* – que a essência da técnica por assim dizer, não é técnica. Propõe de forma perspicaz que não são os aparelhos de tecnologia ou as máquinas, mas o que está por traz disso que provoca algo no ser humano que está ligado com a vontade de poder como já dito. Para explicitar, Heidegger usa o conceito de “*Ge-stell*” que pode se traduzir por armação, esqueleto, composição e disponibilidade, disponibilidade esta que estaria ligada a uma espécie de descobrimento da realidade. Em suas palavras:

Com-posição, “*Gestell*”, significa a força de reunião daquele por que põe, ou seja, que desafia o homem a des-encobrir o real no modo da dis-posição, como dis-ponibilidade. Com-posição (*Gestell*) denomina, portanto, o tipo de desencobrimento que rege a técnica moderna mas que, em si mesmo, não é nada técnico. (HEIDEGGER, 2012, p. 24)

Heidegger afirma que o des-encobrir da realidade é próprio do ser, está contido inclusive no conceito mais primitivo de verdade *Alétheia* – o desvelar. Mas, que a essência da técnica moderna que leva o homem com o pensamento técnico a explorar a realidade perde o controle e o cuidado do cuidar, ou salvaguardar próprio também do homem na escuta do ser. É perceptível tal exploração da realidade nas palavras do filósofo:

O desencobrimento que domina a técnica moderna possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar. Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: a energia escondida na natureza é extraída, o extraído vê-se transformado, o transformado, estocado, distribuído, o distribuído, reprocessado. (HEIDEGGER, 2012, p. 20)

Esse movimento de exploração em que o homem realiza na realidade atinge não somente a natureza enquanto dis-posição e dis-ponibilidade de riquezas, bens e de energia, mas também o outro, a própria humanidade. Heidegger traz ainda uma outra preocupação ainda mais profunda metafisicamente falando, “A vigência da técnica ameaça o desencobrimento e o ameaça com a possibilidade de todo des-encobrir desaparecer na dis-posição e tudo apresentar apenas no des-encobrimento da dis-ponibilidade.” (HEIDEGGER, 2012, p. 36)

Em outras palavras, o filósofo traz a preocupação de que todo o des-encobrir da realidade enquanto desvelar da verdade (*alétheia*) e da escuta do ser que foi

esquecido na tradição filosófica ocidental se torne apenas dis-posição e dis-ponibilidade. Como que o homem levado pela vontade de poder que atinge seu ápice na técnica moderna (*Gestell*) começasse a olhar para o mundo ao seu redor apenas como disponibilidade de domínio e de uso. Não olha mais para a um rio como uma experiência fenomenológica e poética, mas vê nesse rio e em sua água uma fonte de disponibilidade de produzir energia elétrica e ali se constrói uma hidroelétrica.

Isso se torna um ciclo vicioso e que fora de controle, em última instância, olhará para a própria humanidade como dis-posição e dis-ponibilidade de se adquirir algo, nas palavras de Heidegger:

Quando o des-coberto já não atinge o homem, como objeto, mas exclusivamente, como disponibilidade, quando, no domínio do não objeto, o homem se reduz apenas a dis-por da dis-ponibilidade – então é que chegou à ultima beira do precipício, lá onde ele mesmo só se toma por dis-ponibilidade. (HEIDEGGER, 2012, p. 28)

O resultado disso é uma humanidade perdida que na vontade de poder expressa tão fortemente na técnica moderna e no pensamento técnico está habituada a apenas olhar para todos os entes como meios de dis-posição e dis-ponibilidade. Heidegger vai dizer:

Entretanto, hoje em dia, na verdade, o homem já não se encontra em parte alguma, consigo mesmo, isto é, com a sua essência. [...] Com isto não escuta nada que faça sua essência ex-sistir no espaço de um apelo e por isso nunca pode encontrar-se, apenas, consigo mesmo. (HEIDEGGER, 2012, p. 30)

Assim, deixando de lado a experiência profunda da escuta do ser e da própria experiência humana na formação de sua identidade enquanto o des-encobrir da realidade e do próprio eu. O homem contemporâneo necessita urgentemente voltar à escuta do ser para compreender assim sua ex-istencia como Ser-aí para numa nova ontologia existencial reconhecer-se enquanto tal numa vida autêntica e a autenticidade de todos os entes que não podem ser reduzidos à mera dis-posição ou dis-ponibilidade.

É também muito importante não perder de vista que Martin Heidegger, em sua formação, sendo como professor Edmund Husserl, o pai da fenomenologia, traz em sua filosofia também a fenomenologia. É claro que a fenomenologia de

Heidegger não é fenomenologia de Husserl enquanto estudo dos dados imediatos da consciência, mas ele transita entre a fenomenologia e o existencialismo, muito embora em vida Heidegger nunca gostou que o considerassem existencialista.

Mas, este olhar a ele é concretizado na medida em que usa da ferramenta ou método fenomenológico para analisar o ser e propor uma analítica fenomenológica existencial sobre o *Da-sein*, o ser-aí. Como ele classificou assim o ser humano e as possibilidades de ser-no-mundo diante da relação destes conceitos já apresentados, ser, verdade (*aletheia*), abertura, produção (*poiesis*), técnica (*téchne*), e a humanidade enquanto ser-aí que no tempo e na história se percebe e é importante perceber de que forma a questão da técnica afeta este ser humano.

Por isso, a técnica moderna é uma questão para Heidegger. É um fenômeno, para usar aqui a linguagem própria da fenomenologia. E como este fenômeno afeta direta ou indiretamente este ser-aí (*da-sein*)? Afeta direta e indiretamente este vir-a-ser do desvelar da realidade enquanto verdade que se faz, que se coloca, que se dá na abertura da escuta do ser em cada momento dentro da história e do tempo.

A técnica moderna que, enquanto fenômeno, organiza sem que o homem perceba os modos de ser no mundo e é justamente esse um dos pontos mais importantes deste trabalho. Não é nem tanto elucidar historicamente o desenvolvimento da técnica. É claro que se faz necessário para o leitor entender esse desenvolvimento para estar claro que a técnica enquanto utensílios, ferramentas e enquanto fenômeno nem sempre foi esta que se conhece no século XXI.

Se a técnica é um fenômeno, ela é um acontecimento. Este acontecimento só é possível sendo um desvelamento de ser que revela o mundo numa perspectiva que abre a humanidade possibilidades existenciais. Uma vez que o homem enquanto ser-aí é uma abertura para possibilidade existencial. Essas possibilidades só acontecem nos encontros da possibilidade com a abertura da existência. Sendo assim, se tem uma possibilidade dada do modo de ser técnico para o filósofo.

O que é um modo de ser técnico? O que é o pensar tecnicamente? O modo de ser técnico é um modo de ser que é definido que tem um propósito, uma função. A medida em que, sem perceber a essência da técnica vai se relacionando com o ser-aí, ela vai também moldando e definindo o existir, determinando este ex-existire. Aqui o tecnicismo seria a correspondência a este modo de ser, como que o homem

fosse um funcionário desta técnica em um aspecto ôntico, na linguagem do autor. Mas, também o tecnicismo pode aparecer como meios de dominação, algo que aparece mais adiante num leitor de Heidegger, Michel Foucault, nos dispositivos do biopoder e da biopolítica.

O que possibilita isso é o *Ge-stell* que é a armação, dis-posição ou disponibilidade. Que é a palavra que Heidegger vai utilizar para tentar definir a essência da técnica. A humanidade nos últimos séculos ao devotar-se tão fortemente ao desenvolvimento técnico produziu um imperativo do qual ele mesmo não escapa, o de arrazoamento. Isto é, quando a ciência e a técnica têm o propósito de estabelecer de modo sistemático o cálculo exato dos recursos naturais disponíveis.

Ciência e técnica obedecem a um destino comum, o da racionalidade. Esta, por sua vez, requer que o ser humano possa explicar tudo aquilo que é, o *quid*. E ao domínio deste pensar técnico o ser humano está exposto a um perigo supremo o de perder a possibilidade de entender o sentido de ser diferente do que em sua acepção técnica. Para a técnica o real é um fundo destinado ao arrazoamento e ao uso enquanto dis-posição e dis-ponibilidade dada, revelada, desvelada para quem tem o uso ou os meios da ciência e da técnica moderna para poder utilizar enquanto tal.

Entre a técnica, a legitimidade e a eficácia, o homem se perdeu no jogo positivista do progresso. Numa busca desenfreada pelo progresso esqueceram o que é ser humano, o que é chegar a autenticidade da existência, conceito tão caro ao filósofo alemão. No desenvolver do avanço da técnica e quanto ela for a determinante no existir do homem, é difícil de vislumbrar um futuro em que, no chamado pós-humanismo, haja vida autêntica diante da perspectiva heideggeriana.

A humanidade, em busca de respostas, se esqueceu que o importante são as perguntas a serem feitas. Em busca de liberdade “aparente” singularidade se torna cada vez mais inautêntica, impessoal. O homem se torna coisa, e ainda assim, a tecnocracia que o escraviza e a falsificação da vida é demonstrada, quase que impressa numa impressora 3D.

Mas, elementos como estes e todas suas implicações sociais e existenciais serão apresentados mais adiante nesta pesquisa mais especificamente nas novas tecnologias e no ambiente digital. Que com auxílio de autores como Francisco Rüdiger ajudará o leitor a perceber a necessidade de uma fenomenologia deste ambiente digital ou da própria cibercultura a la Pierre Levy, ou poderia se dizer

tecnocultura atualizando a que se desenvolve a partir da segunda metade do século XXI.

Entretanto, se faz necessário primeiro a compreensão do desenvolvimento técnico do aspecto mais instrumental até chegar as chamadas novas tecnologias e, assim, o nascimento da internet e do ambiente digital tal como se conhece nos dias atuais. É o que se pretende abordar na próxima parte deste ensaio sobre a técnica heideggeriana no ambiente digital.

AS NOVAS TECNOLOGIAS E O AMBIENTE DIGITAL

É perceptível se olhar para a história do desenvolvimento da espécie humana encontra elementos ou ferramentas que auxiliaram pouco a pouco o avanço. É inegável que tecnologia não é apenas a maneira contemporânea como tecnologia. Tecnologia é todo e qualquer aparato ou ferramenta que auxilia a vencer pequenos obstáculos cotidianos.

Desde a pré-história, pode-se perceber elementos “tecnológicos” como utensílios úteis para a própria sobrevivência. Isto precisa ser entendido, é claro que a proposta deste trabalho não é se debruçar sobre a história da tecnologia. Mas, se faz necessário sempre um passo atrás para não cair no senso comum contemporâneo de achar que tecnologia são apenas os aparelhos eletrônicos do século XXI.

A história da tecnologia e seu avanço se mistura com a história humana e a própria história da ciência. A tecnologia é o conjunto de técnicas ou habilidade que possibilitaria a partir do *homo sapiens* criar aparelhos ou ferramentas (CORNÉLIO, 2021 apud HARARI, 2019, p.61 -62). Toda técnica, toda ferramenta ou procedimento que o homem possa usar no seu cotidiano e no trabalho é uma tecnologia.

Quando em determinado momento a espécie começa a criar utensílios e ferramentas que passam a auxiliar no dia a dia, o homem passa a caçar melhor e consequentemente ter uma alimentação melhor. Tudo isso só é possível numa escala evolucionária da chamada primeira grande revolução que, como diz Yuval Noah Harari, em sua obra *Sapiens– uma breve história da humanidade*, é a revolução cognitiva. Assim a humanidade passa a ser capaz também de se defender melhor dos predadores aumentando assim a expectativa de vida da espécie. Com o

passar do tempo, utensílios, ferramentas, armas passam a ser cada vez mais comuns sempre e cada vez mais elaborada que a anterior.

Todos esses elementos vão ser significativos para que o ser humano aos poucos deixem de ser nômades. Uma vez que pouco a pouco permaneciam em determinado lugar por mais tempo. Isso contribui assim para uma segunda revolução da espécie, o desenvolvimento da linguagem. Já a chegada da Idade dos Metais foi marcada por inúmeras criações utilizando metais que já naquele momento eram nova tecnologias, objetos feitos de prata, cobre e ouro. Presente também em grandes cidades e impérios como o caso dos Egípcios e até mesmo na América com os Maias e os Incas.

O período da Idade Média foi um grande marco de criações e mudanças sociais a partir do que poderia se chamar de avanço tecnológico. Desde a arquitetura até as caravelas e as grandes navegações que possibilitaram a chegada ao novo mundo. A invenção da prensa no Renascimento revolucionou a Europa possibilitando a impressão desde folhetos a livros.

O avanço foi contínuo ao longo da história: telescópio, microscópio, telégrafo, a eletricidade, telefone, trem, rádio, televisão entre outras. Todas as invenções da humanidade foram visando contribuir para a sociedade. Com o passar do tempo os avanços são cada vez mais rápidos.

A história do avanço técnico ganhou novos rumos a partir do século XVIII com a Revolução Industrial. Com a criação de máquinas para trabalhos nas indústrias por toda Europa, as máquinas então substituíram trabalhos que o próprio ser humano realizava produzindo mais em menos tempo.

A história da computação e da própria programação tal qual se conhece nos dias atuais começa lá atrás com um cientista inglês chamado Charles Babbage considerado o pioneiro na criação do computador no século XIX; ao menos da ideia de uma máquina programável (CORNÉLIO, 2021). É claro que Babbage não estava pensando em um computador como os que existem na atualidade seu projeto fica conhecido como máquina analítica, seu objetivo principal era calcular. Não apenas uma máquina que fosse capaz de calcular como uma calculadora, mas uma máquina que fosse capaz de realizar cálculos que já estivessem de forma programável em seu sistema. Entretanto, suas ideias não foram adiante por falta de conhecimento e também de investimento.

Isso foi suficiente para que a ideia computador pudesse se alastrar pela comunidade científica até a concretização deste projeto tão inovador. A partir da máquina analítica criada por Babbage, a condessa e matemática Ada Lovelace começou a publicar estudos a respeito de programação e algoritmos. Fica, então, conhecida como a primeira programadora da história, responsável pela criação do primeiro algoritmo (CORNÉLIO, 2021)

Ainda na esteira da história da técnica e do desenvolvimento tecno-científico um nome de grande expressão é Alan Turing considerado o pai da computação. Turing fica conhecido no século XX, ainda durante a Segunda Guerra Mundial. O britânico projetou a The Bombe, máquina que conseguia decodificar mensagens alemãs. Fica conhecido também como a máquina de Turing influenciou a construção de todos os computadores posteriormente.

O primeiro computador eletrônico foi criado ainda no século XX, mais precisamente em 1946 por John Eckert e John Mauchly dois cientistas norte-americanos. Fica conhecido como ENIAC (Electronic Numerical Integrator and Computer) em português: computador integrador numérico eletrônico. Considerado o primeiro computador eletrônico, pois até aquele momento os computadores eram ou mecânicos ou híbridos. O ENIAC pesava 30 toneladas e ocupava um espaço de 180 m² e sua finalidade era realizar cálculos balísticos.

Somente a partir dos anos 70 que os computadores vão começar a diminuir de tamanho. E, a partir daí, surge a ideia de um computador pessoal, mas é apenas nos anos 90 que houve o crescimento da fabricação e sobretudo da compra de computadores pessoais para o uso comum nas casas das pessoas.

A algo que mudará o percurso de toda a história da tecnologia, da ciência e da própria experiência humana é a chegada da internet no fim do século XX. E esse é o marco para o que se considera novas tecnologias. Porque todos os aparatos e aparelhos a partir deste momento estarão diretamente ligados a internet.

A internet foi avançando pouco a pouco se tornando cada vez mais acessível e mais fácil de ser usada. E assim vão surgindo aparelhos para uso de internet das mais variadas formas possíveis. Os computadores passam a tomar espaço nas empresas, nos escritórios e nas casas, inicialmente único aparelho usado para acessar a internet. Em pouco tempo, os computadores que ocupavam um grande espaço físico são substituídos pelos notebooks. Computadores menores mais compactos, mais fáceis de serem transportados.

Os chamados smartphones, que não são apenas aparelhos de celulares convencionais com apenas a função de chamadas telefônicas, mas celulares extremamente inteligentes que acumulam outras funções além de uma simples ligação. Os smartphones tem seus primeiros modelos em 1994, mas é em 1997 que a denominação ganha força. O boom dos smartphones só acontece em 2007 quando a Apple lança seu primeiro iPhone com sistemas operacionais com processamento de dados e com acesso à internet, tudo em um modelo totalmente inovador. Até aquele momento, um aparelho totalmente sem botões tudo ao alcance do toque do dedo na tela do aparelho o chamado, touch screen.

Em pouquíssimo tempo a humanidade passa a carregar um computador no bolso. Também surgem as chamadas smartTv que também deixam de ser apenas simples televisões e passam a ser mais um aparelho que de forma muito inteligente e prática pode estar conectada à internet e oferecer serviços ligados a ela.

De smartphones, tablets e smartTv cada vez mais os novos aparelhos tecnológicos vão dando vazão a este mundo chamado de digital. E atualmente, até mesmo as mais diversas formas de diversão, como assistir um filme, está diretamente ligada a uma realidade digital. Se no passado o sujeito tinha que procurar uma locadora para alugar um filme, hoje existe empresas que oferecem um catálogo de filmes e séries para as pessoas que podem fazer tudo isso com apenas o controle remoto na mão, sem necessitar sair de casa. São os chamados serviços de streaming.

Tratando especificamente sobre o ambiente digital foi um processo que pouco a pouco foi sendo acelerado. Inicialmente era apenas um lugar de pesquisa, como uma grande enciclopédia sem mais necessitar de livros físicos. Mas, aos poucos, foi se tornando um veículo de informação tanto para notícias quanto para troca de informações ou simples comunicação entre pessoas comuns.

O ambiente virtual ou digital, como ficou mais conhecido, foi se tornando um lugar também de relacionamentos. Estando ali, o usuário poderia conhecer pessoas de qualquer lugar do planeta, poderia estar no Brasil conversando com alguém de Portugal ou de qual outro país. Os primeiros ambientes digitais que começaram a proporcionar essa experiência eram as chamadas salas de bate papo. E aos poucos foram se criando novas e mais novas ferramentas, programas de forma que isso foi se ampliando, mas também se modificando.

Podendo diminuir as conversas a um grupo específico de amigos ou conhecidos, apenas aqueles que tivessem seu e-mail (endereço eletrônico). Depois essas conversas passaram a ser no ICQ posteriormente no MSN. Um pouquíssimo tempo se transfere isso para os smartphones com aplicativos de conversas, como o WhatsApp, que revoluciona e torna cada vez mais prática a comunicação entre as pessoas tornando quase que obsoleta uma ligação.

Os chamados aplicativos móveis são lançados em 1998. Mas, somente depois da revolução dos smartphones que ganharão notoriedade, espaço e se tornarão popular, isso em 2008 com as primeiras lojas para estes produtos a primeira lançada pela Apple para os iPhones chamada de Apple Store. Posteriormente, vai ser criada a Play Store utilizada pelas empresas concorrentes da Apple por todo o mundo. Os aplicativos foram criados para oferecer funcionalidade de forma mais prática e de mais fácil acesso.

Com o passar do tempo, os aplicativos foram ganhando tanto espaço e se tornando sempre cada vez mais comuns à vida das pessoas que na atualidade toda empresa grande de vendas do varejo tem seus aplicativos onde seus clientes podem comprar. Além disso, aplicativos se tornaram até mesmo meios ou veículos de trabalho como é o caso dos deliveries ou dos carros de aplicativos que quase que extinguiram os táxis. Onde os trabalhadores usam esses aplicativos para poderem realizar seu trabalho, seja um entregador de pizza (pelos App de delivery), seja um motorista de aplicativo (pelos App de transporte urbano).

E então o grande fenômeno das redes sociais. Lugar como o nome já diz, onde se tem uma rede de relacionamentos. Relacionamentos estes as vezes apenas virtual/digital, pois pode ser que estes “amigos” estejam em lugares distantes até mesmo em outros países. Inclusive, se torna cada vez mais comum conhecer pessoas neste ambiente puramente digital sem nunca ter visto ou tido contato pessoalmente.

Na rede social, você cria seu perfil, com foto, uma breve biografia sobre si. E ali onde pode se expressar, escrever, publicar fotos de tudo e qualquer coisa. Perceptível que com o passar dos anos estas redes foram cada vez mais trazendo novidades que prendem a atenção do usuário. E, inevitavelmente, cada vez mais as pessoas passam grande parte do tempo do seu dia conectada, online, principalmente os mais jovens, se não postando algo de se, vendo coisas alheias fotos, vídeos engraçados.

O que era para a comunicação e relacionamentos vai se tornando um vício social. E mais do que isso, a rede gera outras patologias contemporâneas como alto índice de ansiedade, pânico, depressão, TDAH (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021). E até mesmo pessoas que já não sabem se relacionar pessoalmente da escola ao ambiente de trabalho dificuldades de falar, de se expressar, e trabalhar em equipe e um medo de uma não aceitação da sua pessoa ou da sua imagem fora da rede social.

O digital e o real perdem a dicotomia existente. O digital vai ganhando força e espaço de modo que já não se pode mais dizer que o digital não é real. Ambos se misturam num curto espaço de tempo. Com realidade aumentada e até mesmo com o Metaverso numa possibilidade não apenas de ter um perfil, mas de literalmente viver dentro da realidade puramente digital e interagir ali dentro com o universo criado e com as demais pessoas, idealizado por Mark Zuckerberg.

Já é perceptível na segunda década do milênio notar carros totalmente autônomos, casas inteligentes, moedas digitais, primeiros carros voadores inspirados em helicópteros que se pensa, poderiam ser utilizados como transporte de aplicativo principalmente nas grandes metrópoles pensando sobre melhorias na mobilidade urbana. Dentre tantas outras inovações com o uso da inteligência artificial.

De que modo este ambiente digital influenciou e influencia a existência humana? Este ambiente digital e tudo o mais que traz consigo acarreta no ser humano uma mudança significativa no existir no mundo. Tornando-se em pouco tempo um novo ambiente formador. Se antes se tinha a família e a escola hoje se tem o ambiente digital que também forma as pessoas de forma muito significativa a forma como agir, ver e pensar no mundo.

A QUESTÃO DA TÉCNICA HEIDEGGERIANA NO AMBIENTE DIGITAL

Como já foi apresentado, a técnica para Martin Heidegger faz parte de um processo da história ocidental. A história da metafísica ou do esquecimento do ser. Para o filósofo alemão, o esquecimento do ser ou a confusão entre o ente e o ser tem a técnica como um dos resultados aparentes socialmente falando.

O avanço dos aparelhos, da ciência e da tecnologia se tornou dominante e porque não totalizante no século XX. Isso nada mais é do que a história da técnica e seu avanço e dominação. Quando menos se esperou, humanidade se deparou com uma nova vida pautada extremamente em elementos técnicos.

Observando tal fenômeno social Francisco Rüdiger traz a seguinte afirmação:

Observa-se, com efeito, que, conforme o tempo avançou, a tecnologia acabou se convertendo concretamente para as massas afluentes naquilo que sempre foi para a reflexão crítica mais avançada: a base para uma espécie de metafísica de nossa época. O Ocidente criou essa expressão, “metafísica”, sem jamais ter esclarecido totalmente seu significado, como fez notar Heidegger. Os tempos modernos, por sua vez, cunharam há cerca de três séculos uma outra, “tecnologia”, vítima de toda uma série de confusões e mal-entendidos não menos interessante. (RÜDIGER, 2008, p. 9).

Interessante como Rüdiger traz a reflexão sobre a tecnologia numa aproximação com o conceito de metafísica. A crítica que apresenta é que, aparentemente por séculos, o conceito ou o real significado de metafísica acabou ficando obscuro. E, quase inexplicavelmente, se apresenta um novo conceito – “tecnologia”. Será que até hoje a humanidade não sabe realmente o que é a tecnologia?

Muitos autores vão colocar o termo tecnologia como uma ciência geral das técnicas. E aqui encontramos mais uma vez a palavra técnica. A tecnologia seria então um aprimoramento da técnica? Uma nova realidade em que se estabelece pelo próprio querer técnico que segundo Heidegger não é técnico. Novamente, deve se voltar o olhar para o que o filósofo alemão deixou para a tradição da filosofia ocidental sobre a essência da técnica.

Há uma concepção do ser humano como máquina a partir de René Descartes. O ser humano seria perfeito como uma máquina. O mundo não seria apenas um monte de átomos, mas existiria uma organização mecanicista em que cada parte ou elemento da natureza seria uma parte que se encaixa formando o todo. E a partir deste momento, historicamente que se começa a estudar e se preocupar cada vez mais com a técnica. A modernidade é marcada por esse tema de Francis Bacon passando pelo positivismo no século XIX.

Um pensamento então vai se formando na sociedade. Sobre isso Rüdiger afirma:

Noutros termos, postulamos por essa via que a técnica moderna se funda num certo tipo de pensamento, cujo denominador comum é a crença de que o maquinismo pode resolver qualquer problema e satisfazer qualquer exigência do mundo, não importam a sua origem e natureza. (RÜDIGER, 2008, p. 11).

Crença essa de que tudo seria resolvido pelo avanço técnico. O avanço técnico-científico na sociedade acarretaria num progresso como era muito comum de se pensar sobretudo na Europa do século XIX. E por pelo menos um século a humanidade se apegou a essa esperança. Quase que uma transferência da esperança que se tinha na religião para o método científico e a tecnocracia.

Francisco Rüdiger aponta para dois fatores importantes como se percebe a seguir:

A cibercultura pode ser entendida como um campo de experiência através do qual esse fator instituinte dos tempos modernos começa a se tornar cotidiano à consciência. A formação que lhe subjaz remete a um conjunto de práticas e representações, através do qual ele se põe em vias de rotinização para o homem comum. (RÜDIGER, 2008, p. 11).

A experiência da cibercultura presente nos dias atuais vai se tornando rotinização. Dois fatores importantíssimos nessa compreensão do espaço digital é o cotidiano e a consciência. E é aqui que se necessita, como afirma Rüdiger, uma fenomenologia do ambiente digital, sobretudo das redes sociais o fenômeno que mais prende as pessoas hoje vidradas em seus celulares. Aos poucos, tudo que diz respeito à cibercultura se torna parte do cotidiano, sem que ninguém mais se questione o modo que isso impulsiona um existir. E, conseqüentemente, isso se torna cotidiano à consciência. Esta precisa ser estudada, compreendida, pois esta consciência individual e social já não é a mesma do mundo antes da internet.

Os impactos disto podem ser muito maiores do que se pode imaginar como demonstra Francisco Rüdiger:

Pensadores como Castoriadis e Heidegger nos ajudaram a ver que, efetivamente, a técnica depende da nossa criatividade coletiva e, em última instância, não racional. O conhecimento técnico é um fator

sujeito à ação do pensar poético, inclusive na mais rigorosa tecnocracia, embora tudo isso não deva nos fazer esquecer, claro, que a luta pela sobrevivência material da espécie é um fator explicativo historicamente anterior à constituição do sentido formador da técnica. (RÜDIGER, 2008, p. 14).

Existe, segundo Martin Heidegger, o desenvolvimento do que ele chama de pensar técnico. E hoje estaríamos pela tecnocracia na dominação do pensamento técnico ou tecnológico, que gera um sentido formador a partir da técnica moderna. Vai dizer Rüdiger: “A crítica da técnica e do homem, embora necessária, é algo que deve se subsumir, em vez de se sobrepor à reflexão histórica e à análise da forma como se estrutura geralmente nossa existência.” (RÜDIGER, 2008, p. 15).

Ainda na esteira da hermenêutica heideggeriana, Rüdiger diz:

Heidegger entendia por tal uma interpelação ao mesmo tempo coletiva e anônima que nos é feita para confiar nosso destino que se consubstancia via avanço da tecnologia maquinística, destacando que este processo contém pelo menos dois aspectos principais. A clausura a que a armação nos conduz, ao nos tornar prisioneiros desta tecnologia, foi, pelo menos por um tempo, pensada por ele em conexão com os conceitos de maquinação e experiência vivida (cf. Heidegger [1936-1938] 2015, apud). O primeiro dá conta da paulatina renúncia à criatividade poética e artesanal que tem lugar em nossa era, a ascensão de uma ordem cada vez mais autômata, anônima e sistêmica, assegurada por um mesmo aparato tecnológico. O segundo, subordinado ao primeiro e que interessa mais diretamente ao estudioso dos fenômenos de mídia, é o consumo da experiência vivida processada por muitos de seus dispositivos. (RÜDIGER, 2016, p. 47).

Temos aqui, então, a presença da essência da técnica segundo Heidegger – *Ge-stell* – esta armação citada por Rüdiger. A dominação, esta “armação” que foi apresentada como clausura, é o que determina a dominação tecnocrata disfarçada de uma tecnologia democrática que aprisiona a vida do ser humano a ela. Tendo várias consequências sendo uma delas apresentada por Rüdiger a perda da criatividade poética ou o que Heidegger chama de pensar poieticamente. Deixando o homem apenas acostumado a pensar tecnicamente, segundo o consumo da experiência vivida por meio destes dispositivos.

Francisco Rüdiger diz que se antes historicamente o processo de evolução dos primeiros computadores tinham fins militares e de estar sempre um passo à frente do inimigo em uma Guerra como foi o caso na Segunda Guerra Mundial, o

problema está na mudança dos dispositivos as máquinas ou os algoritmos como ele mesmo afirma:

O problema surge, porém, quando também o comportamento social e mental de seres humanos é [por eles] representável, calculável e programável: estando então diante de uma concretização de visões de terror das modernas utopias negativas. (RÜDIGER, 2002, p. 18)

O ambiente digital seria o novo *Ethos* que forma e molda a sociedade na disponibilidade e dis-posição (*Ge-stell*) presente na chamada técnica moderna que leva a uma exploração. Exploração esta que, num primeiro momento, no século XX, foi direcionada para a natureza, mas que inevitavelmente atingiria o ser humano dentro da lógica do pensamento técnico.

Uma vez que acontece esse reflexo do digital no real, inevitavelmente a humanidade começa a olhar para o outro também de forma midiática e como possibilidade de adquirir algo. Aqui pode aparecer diversos problemas como a perda de uma alteridade, a perda de uma identidade. E o mais preocupante, na visão do Heidegger, já não se tem mais uma humanidade que se reconheça como existente no tempo e na história. Como aqueles que são entes privilegiados, seja pela própria relação social ou com os demais entes, seja pela própria capacidade reflexiva do pensamento poético. Agora se está vivendo a dominação da técnica e do pensamento tecnológico. Assim, deixando de lado a experiência profunda da escuta do ser e da própria experiência humana na formação de sua identidade enquanto o des-encobrir da realidade e do próprio eu.

Neste pensar técnico e no grande avanço tecnológico do século XXI, principalmente se tratando da internet e do ambiente digital, é como se houvesse um chamado ou uma solicitação do digital para o ser humano que atinge diretamente ao seu ser, ao eu. Rüdiger diz:

[...] perguntamos até onde o sujeito das referidas situações realmente se converte em um outro, até onde o eu cancela a legalidade que a história lhe conferiu, dissolvendo-se nas relações que lhe solicita o ciberespaço. (RÜDIGER, 2002, p. 23).

O dissolver do próprio eu nascendo assim uma nova subjetividade. Sendo a própria subjetividade do homem como que convocada por uma solicitação ou espécie de chamado ou convocação do ser. Tal convocação não pode ser dos

aparelhos ou aparatos tecnológicos, senão de uma essência da técnica. Desde Descartes e Hobbes com a visão mecanicista do corpo juntamente com a concepção de ciência como domínio da natureza e emancipação do indivíduo de Francis Bacon ocorre o desenvolvimento da chamada técnica moderna presente nos dias atuais. Seria esse chamado do digital a subjetividade humana a tal emancipação do indivíduo? Para alguns sim, uma época do chamado pós humanismo que não teria a menor possibilidade sem esse avanço técnico científico.

Por isso, há no ciberespaço um ambiente que possibilita uma nova formulação da própria identidade. Identidade que, no século XXI, é muito menos dualista ou determinada como foi por séculos. Não perceber a participação da tecnologia nestas mudanças sociais é fechar os olhos para o cerne em questão, para o filósofo alemão o *Da-sein* enquanto ser aí. Rüdiger traz isso como algo a ser analisado, estudado, compreendido na atualidade. Em suas palavras:

Na internet, as pessoas estariam descobrindo a possibilidade de construir suas identidades se ajustando às outras. A tecnologia conteria o poder de transcender a consciência solipsística, que funda o conceito moderno de sujeito. [...] resultado principal, socialmente falando, é a paulatina mudança nas concepções vigentes sobre como se estrutura e funciona nossa subjetividade. (RÜDIGER, 2002, p. 100).

A própria concepção de subjetividade de toda uma tradição ocidental e filosófica se dissolveu quase que por completo na pós modernidade como o próprio Zygmunt Bauman já tinha apontado (BAUMAN, 2001, p. 12). Mas, o que interessa aqui é a participação das novas tecnologias e da internet nesse processo do homem pós-moderno. Pois aqui estaria nascendo uma antropologia da cibercultura, afirma Rüdiger (RÜDIGER, 2002, p. 103).

A questão não é a pluralidade existente na atualidade como uma espécie de libertação de fantasmas do passado e tabus que foram criados. O problema está no quão perigoso pode ser o eu pós-moderno mediado sua existência ou inexistência do não ser dentro do ambiente digital. É aqui que é necessário entender a dominação que a essência da técnica moderna pode exercer sobre o indivíduo de modo que o eu se perca tentando se encontrar no mundo digital. Assim afirma Francisco Rüdiger:

[...] desenvolvendo a hipótese de que as tecnologias de comunicação puseram em movimento um processo cujo resultado é a virtual erosão da noção de eu (self) e a concomitante disseminação da consciência de que a identidade individual é criada e recriada através de nossos relacionamentos. [...] “as relações (sociais) passarão a ocupar a posição central que teve o eu individual durante os últimos séculos da história ocidental”. [...] No final, a sociabilidade surgida com a multiplicação de contextos vitais dessa espécie dá lugar a um eu relacional: então, o indivíduo desenvolve a consciência de que se o eu é uma ilusão e ele mesmo não é mais do que a soma de suas relações com os outros. (RÜDIGER, 2002, p. 105)

Como ele afirma, o eu estará, a partir do mundo em rede, hiperconectado a existir apenas nas relações com os outros. Embora positivamente a internet ajude a sociedade a entender a pluralidade da existência, ela pode ser prejudicial à formação da identidade dos indivíduos, principalmente na fragmentação deste sujeito que se antes com Descartes era fixo, agora é múltiplo e transitório nas redes sociais. Como ser-aí, para usar a linguagem heideggeriana, pode ter múltiplos perfis nas redes, pode esse ser-aí em cada “lugar” do ambiente digital um outro eu que não o eu mesmo.

Rüdiger vai descrever tal fenômeno como fragmentação do eu, ou parcelamento da alma. E é daí que pode surgir da cibercultura o aspecto patológico. É importante lembrar que não é porque as pessoas têm múltiplos perfis nas redes sociais que elas sejam doentes, mas sim existe uma porcentagem que adocece por esse mergulho na cibercultura (MOROMIZATO, 2017). A Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu em 2018 o vício em jogos eletrônicos entre jovens e crianças como distúrbios mental, passou a integrar a lista da 11ª Classificação Internacional de Doenças de acordo com o site de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 2020)

Importante ressaltar que o caráter virtual não é algo próprio da internet é algo da capacidade racional e abstrativa do ser humano. As pessoas podem desenvolver bipolaridade ou múltiplas personalidades mesmo sem a internet, da mesma forma que podem lidar bem com a criação de vários personagens de si mesmos. Um exemplo disso é Fernando Pessoa, o autor cria heterônimo e múltiplos personagens que sendo ele mesmo em suas obras literárias, mas ninguém diria que o poeta é um doente esquizofrênico por isso.

Quando se vive num ambiente totalmente novo e inovador como o virtual do ciberespaço, os limites de uma vivência ética estão sendo descoberta e construída

com o passar dos anos. “Na internet, você é o único limite” (RÜDIGER, 2002, p. 118). Hoje, na segunda década do milênio, já se fala em limites na liberdade de expressão presente na internet e até mesmo existem leis de crimes digitais. Mas, isso acontece agora justamente porque a humanidade aprendeu com os erros que aconteceram no ambiente digital durante a primeira década do século XXI em que a regência do existir e de ser naquele lugar era apenas o eu.

Justamente nesta contraposição entre o digital e o real, que ao atingir a esfera mais profunda do homem na formação da sua identidade Rüdiger diz: “A tendência à sublimação da realidade no espaço virtual criado pela rede colide com a prova de realidade que a vida nos impõe.” (RÜDIGER, 2002, p. 118). Tal fenômeno se apresenta como parte de algo maior. Assim afirma Francisco Rüdiger:

A expansão do ciberespaço representa antes de mais nada um fenômeno inscrito nas tendências históricas e circunstâncias sistêmicas que governam a contemporaneidade. [...] Nesse sentido, a referida expansão constitui processo que, segundo cremos, medeia a se apoia sobretudo em nossa inclinação, socialmente criada, de vivermos nossas fantasias de modo puramente interno, mental ou subjetivo, ainda que cada vez mais mediado mercantilmente. (RÜDIGER, 2002, p. 119).

Muito embora todo o avanço das novas tecnologias e do ambiente digital esteja permeado pelo aspecto mercantil do capitalismo, tornando isso um produto cada vez mais atraente, o que interessa aqui a essa, dissertação é o ponto crucial da relação do ciberespaço ou da cibercultura com o indivíduo. E nesse ponto Rüdiger é bem enfático quando aponta para conceitos como sublimação, fantasias. “A fantasia é o que move as relações online” (RÜDIGER, 2002, p. 119).

Acontece um processo em que a relação do homem com as máquinas se dá como cópia das relações sociais. E aqui carrega um triplo sentido. Primeiro de que a relação que hoje um jovem tem com seu celular é tão afetivo quanto ou até mais do que relação que ele tem com qualquer amigo. Nesse primeiro ponto é uma relação direta afetiva com os meios para o acesso ao ciberespaço. Esses, por sua vez, são os aparelhos que são como portas para a vida do outro lado. O celular hoje é mais do que outro que me relaciono ele é como parte do meu corpo que atinge até o conceito de extencionalidade do corpo de Descartes. O segundo ponto é uma relação que aqui acontece muitas vezes de forma inconsciente do sujeito com os algoritmos que rege o funcionamento hoje das redes. É algo muito curioso, porque

por passar tanto tempo conectado os algoritmos conhecem o sujeito, às vezes, até melhor do que a própria mãe. Ele (o algoritmo) sabe do que o indivíduo gosta, e não somente, mas lhe oferece aquilo que ele gosta cada vez mais. Ele mostra as páginas que seguir, as pessoas que combinam com seu perfil entre outras coisas mil. O terceiro e último ponto é a relação daquele que usa a rede com os outros usuários. Isto é, finalmente e aqui é importante refletir porque essa interação entre as pessoas por meio do ciberespaço está depois da relação afetiva com o aparelho e com o próprio sistema de funcionamento, o algoritmo. Essa relação com os outros neste espaço é também permeada com um mecanismo de recompensa de auto alimentação do próprio sistema. O outro tem sua importância para movimentar, nas palavras atuais, engajar – curtir, comentar, compartilhar, etc. “As fantasias egoístas que criam, para mim, o outro online” (RÜDIGER, 2002, p. 119)

Para Rüdiger, aqui está posto através do processo humano imaginativo, aquilo que a filosofia chama de simulacro. “as pessoas se tornam mestres da auto-apresentação e auto-criação” (RÜDIGER, 2002, p. 119). Ressalta assim um sujeito narcisista que é alimentado dentro do amplo mundo da cibercultura. E aqui inclusive movimentos que apontam para violência. Afirma Rüdiger:

Embora seja temerário fazer generalizações, as pesquisas disponíveis sugerem que os contratos virtuais, senão estimulam, ensejam a certas pessoas serem mais abertamente agressivas ou menos controladas do que o são na vida cotidiana. A tecnologia, no caso, relaxaria os mecanismos de contenção aprendidos pelo homem civilizado ao longo de um vasto processo histórico, bem estudado por Norbert Elias. (RÜDIGER, 2002, p. 121).

É extremamente conhecido e tem se tornado cada vez mais comum todo tipo de violência nas redes. E a reflexão é importantíssima, por que, aparentemente, ali no virtual as pessoas tendem a ser mais agressivas ou menos escrupulosas? O eu, sua identidade construída com o auxílio do *Ethos* social, da família, da escola, é moldada também por aspectos morais bem estabelecidos socialmente falando daquilo que é aceitável. A violência, o desrespeito, a intolerância, o racismo, o preconceito são hábitos que já foram condenados socialmente em pleno século XXI. Mas, que sempre reaparece na história e neste momento tem reaparecido dentro do ambiente virtual, muitas vezes por estes que reproduzem esse tipo de discurso de ódio se sentirem seguros e protegidos por trás de seus perfis, ou aparelhos. Os

mecanismos de contenção social também estão hoje nas redes sociais para se evitar esse tipo de coisa, mas como já bem se sabe nem sempre foi assim, principalmente se tratando da primeira década da chamada era digital. O bordão que se criou e existe até os dias atuais hoje já não mais tão real de que “a internet é terra sem lei”. O que fica perceptível aqui em uma analítica existencial é que o sujeito que por escolha própria já pratica tais atos ilegais sente com o ambiente digital uma espécie de libertação das amarras morais presentes fora do virtual. Sente que a rede tende a liberar os sujeitos de certas coações sociais internalizadas (RÜDIGER, 2002, p. 122). Para Rüdiger isso é ambíguo, sendo uma linha muito tênue entre um movimento histórico de mudanças nos aspectos morais, tanto para o bem quanto para o mal.

Aqui se instaura dentro da cibercultura um *modus operandi* dos sujeitos dentro das redes sociais. Conhecida como a cultura do cancelamento. Cancelar alguém nas redes sociais é o mesmo que riscar essa pessoa da existência daquele mundo muito estrito dos seguidores daquele determinado indivíduo. As pessoas hoje têm medo do cancelamento nas redes assim como tem medo de ser assaltadas na rua. Lembrando que a vida que se tem ou que muitos desejam ter nas redes é permeada por um sistema de recompensas como já foi dito. Ter mais seguidores, mais curtidas, mais visualizações tudo isso alimenta ao algoritmo para que ele entenda que o perfil daquela pessoa é considerado como algo relevante para aqueles seguidores. Assim, aumenta a possibilidade de uma possível fama, de que a pessoa se torne famosa nas redes sociais, assim como também o olhar das grandes marcas que estão voltados para patrocinar certas pessoas que se encaixem em tudo que foi dito anteriormente.

Outro fator interessante é ao tornar-se escravo da vida dentro desse simulacro que é a rede social corre-se o risco de perder cada vez mais o contato físico de afeto com parentes e amigos. Onde, muitas vezes, aparentemente uma curtida numa foto pode ser até mais importante do que um abraço. Famílias que já não conversam dentro da própria casa, pois cada indivíduo está preso a sua existência que não está sendo aqui no real, mas está sendo no virtual. Rüdiger aponta:

Interação não é o mesmo que solidariedade, porque essa é muito mais do que o contato momentâneo e individualista permitido pelas

novas tecnologias de comunicação. [...] [Neste caso] o que envolve as pessoas são [apenas] as conexões temporárias, que não produzem qualquer consequência tangível naqueles tocados por tais laços flutuantes. (RÜDIGER, 2002, p. 124).

Solidariedade e afeto nas redes é sinônimo de interação ou, na linguagem atual, engajamento. O contato é frio, porque relações na verdade se traduzem por conexões no ambiente digital. Conexões temporárias e que não são capazes de produzir aquilo que é tão caro a experiência humana, aquilo que Heidegger vai chamar das “tonalidades de afetos”, tão importante na formação e na fundação do *Da-sein*. Na linguagem, o ser-aí expressa e entra no mundo dos afetos, inclusive presente até mesmo nas expressões artísticas que, para Heidegger, estaria mais próximo da escuta do Ser.

Na experiência da tradição heideggeriana, o ser-aí é uma constante mudança do vir-a-ser. Todo ser humano não é, ele está sendo o tempo todo. Presente aqui também todo um olhar muito cuidadoso e de importância de Heidegger aos pré-socráticos sobretudo a Heráclito. Rüdiger nota que esse movimento constante da existência que é ex-istir, um movimento sempre para fora está também presente no ambiente digital na relação com o outro: “o outro não é realmente outro, mas apenas um momento do meu próprio vir a ser (self-becoming)” (RÜDIGER, 2002, p. 127).

Nesse encarcerar-se no eu em uma espécie de aprisionamento Rüdiger diz:

Continuando centrados em si mesmos, os internautas, pelo menos em sua maioria, não conseguem abrir-se ao outro; deixar-se contaminar pelo inusitado dos encontros com as diferenças. Continuam sós, com a sensação narcisista de estarem convivendo socialmente. Eles vão em busca de si mesmos. Vivem do diálogo consigo mesmos. (RÜDIGER, 2002, p. 127).

Um constante buscar a si mesmos tentando sempre salvar-se de si mesmos, como um cachorro que corre atrás do próprio rabo. Inúmeros usuários das redes sociais caem na cilada de um certo narcisismo como já foi apresentado; perdendo os encontros com o outro, com as diferenças que são importantíssimas na formação da identidade, da sociedade de um real desenvolvimento de uma alteridade. Há sempre como afirma o autor o risco de realmente acreditarem que estão se relacionando e convivendo socialmente por conversar com tantas e tantas pessoas que também estão online, conectadas. Mas, principalmente pela diminuição e até mesmo

ausência de encontros reais, olhares, abraços, apertos de mão podem estar apenas no diálogo consigo mesmos.

Ainda sobre essa autoconsciência cega Francisco Rüdiger afirma:

A conquista da autoconsciência tendeu a ser, até agora, correlata à perda do sentido de comunidade, pois a modernidade procedeu a um parcelamento da alma do indivíduo. Desde que se delineia seu processo de afirmação, acontece de as organizações não terem o que fazer com várias partes restantes do eu, quando é esse o caso, acabam satisfazendo apenas parte das necessidades globais do indivíduo. (RÜDIGER, 2002, p. 129).

Interessante que diante dessa auto-referência do sujeito no ambiente digital, ao delinear sua afirmação acontece o esperado, a incapacidade de preencher todas as lacunas ou espaços deixados pela própria existência. Há incapacidade do ciberespaço de satisfazer, de dar sentido, plenamente a todas as necessidades humanas. Se não satisfazendo apenas parte destas necessidades como é de se esperar. Acontece com o passar do tempo uma espécie de redução existencial. O reducionismo do Ser-aí como caminho de perda de mundos, uma vez que, para Heidegger, o Ser-aí é criador de mundos por meio da linguagem que não é apenas a fala de um indivíduo, mas o corpo e todas as expressões humanas.

A esse respeito Rüdiger afirma:

As conexões dominantes as segmentam de acordo com interesses especializados, pressupondo, na base, átomos sociais egoístas e egocêntricas. Funcionando de modo a conter as tendências à ruptura da sociabilidade, a cibercultura liga sujeitos atomizados, porque forçados a se dispersar socialmente; cada vez mais segmentado, o homem tende a reduzir a um ponto abstrato, descobrindo-se um ente em si mesmo só e distinto: simultaneamente, como a única fonte de valor e como um vazio, para o qual a vida, cada vez mais, existe como aquele conjunto abstrato de possibilidades tão bem retratado literariamente por Musil. (RÜDIGER, 2002, p. 130).

Há redução da existência que é ampla, múltipla, cheia de experiências. Redução do indivíduo a quase que um átomo. O homem se torna um átomo, suas ações átomos sociais egocêntricas. A internet seria o que liga estes sujeitos atomizados fechados e perdidos em si mesmos. Cada vez mais ensimesmados onde a vida é uma completa ausência de sentido. Mas, não porque está sendo impulsionado no niilismo positivo nietzschiano em que há uma valorização do

humano demasiado humano. Mas, um vazio em que a humanidade tende a cada vez mais se reduzir, como dito acima, em um ponto abstrato.

Francisco Rüdiger constrói um caminho que aponta para uma dissolução do eu ou da própria identidade do indivíduo ao ser diretamente afetado pela cibercultura. Até que num determinado momento ele aponta para uma desconstrução do que até agora tinha dito:

Recentemente, verificou-se entre os pensadores sociais da modernidade uma reação às teses sobre a perda de sentido do eu na era virtual, conforme defendida pelos filósofos da técnica. O resultado das tecnologias informacionais sobre o eu não é, segundo os primeiros, a sua dispersão, mas uma mudança de natureza. A profusão de relações e imagens com que o homem se vê confrontado não o dissolve como entidade coerente. Acontece antes de ele ser aberto por elas em grau que as faz terem um papel cada vez maior em seus processos de formação como indivíduo. (RÜDIGER, 2002, p. 131)

Isso merece toda uma atenção por tamanha complexidade. Uma vez que está afirmando que apesar da percepção psicológica de fragmentação da identidade ser verdadeira o meio digital, no fim, não consegue dissolver o sujeito inteiramente enquanto entidade existente. Na linguagem heideggeriana, o ente ser humano enquanto realidade Ôntica da existência temporal é indissolúvel. Ele é Ser-aí, simplesmente está aí jogado no mundo a existir. Rüdiger chama a atenção para um outro ponto muito importante: esta aparente dissolução do ente ou a dissolução da sua identidade num completo perder-se de si, já acontece antes mesmo da abertura que o Ser encontra no virtual. O que seria isso senão o pensar técnico que já estava vigorando socialmente desde dos tempos de outrora. Além disso, o mais complexo filosoficamente é a afirmação de que não é a dispersão do eu, mas uma mudança de natureza. O que ocorre em realidade é uma mudança consubstancial, uma mudança, no fim, ontológica. E é justamente por isso, que se faz mais do que necessário o conhecimento de uma analítica fenomenológica existencial como propõe Martin Heidegger no mais alto grau de sua filosofia.

Rüdiger vai ainda dizer:

[...] um plano menor do fato de que esses estilos, certamente criados por nós mesmos, não só são prisioneiros da forma mercadoria como se caracterizam por uma fragmentação, estreiteza e volatilidade que, ao invés de ajudar os indivíduos a desenvolverem livremente sua

identidade, podem ser também um fator de agravamento das tendências à sua desintegração substantiva. (RÜDIGER, 2002, p. 131).

Fica, então, mais claro que pode haver uma dissolução, mas não do ente, mas do ser do ente. Uma desintegração que quando se observa as crises e as patologias tende-se a pensar que o esfacelamento é do ente, enquanto que na realidade é do ser. Cabe aqui dizer que tal confusão entre ente e ser para Heidegger já está presente a muito tempo na história da filosofia ocidental. Perceber isso nas ciências humanas no século XXI é também reafirmar o que já havia sido dito pelo filósofo alemão.

Como toda a análise não é material, isto é, nem mesmo da matéria dos aparelhos tampouco da matéria humana, Rüdiger vai chamar atenção para o que está ou estaria por trás de toda a técnica. Esse questionamento já estava presente em Heidegger lá nos anos cinquenta do século passado como já bem apresentado. Assim diz Rüdiger:

[...] precisa partir da consideração do contexto de relações desiguais de poder que influencia nossas intenções e, portanto, que filosofias, ideologias e discursos são transformados em tecnologia e por essa via são naturalizados socialmente. (RÜDIGER, 2002, p. 132).

Nessa análise da técnica e seu avanço é preciso sempre trazer a luz o contexto em que a humanidade se encontra. E como a técnica também influenciou a mudança em escala global. Com a internet e através dela a globalização tomou tamanha proporção inimaginável no século XX. Também a produção capitalista se beneficiou com as vendas online. Além do compartilhamento de dados na rede muito utilizados pelas grandes empresas, assim como as novas formas de monetização e pagamentos com moedas inteiramente digitais. De que forma as ciências humanas, principalmente a filosofia e ainda mais como proposto nestas páginas a filosofia de Martin Heidegger pode acorrer na devida leitura do mundo pós-moderno? Com toda certeza a luz da filosofia, sobretudo com Heidegger, as pessoas podem pensar e refletir a técnica, as novas tecnologias não por elas mesmas, mas pelo o que sempre está por trás destes dispositivos. Exatamente por isso, Rüdiger fala de ideologias ou filosofias que se tornam tecnologias.

Ainda tentando compreender o problema que é de ordem ontológica Rüdiger vai dizer:

Poderia é certo haver a aclimação da nossa crise de identidade na consciência do indivíduo, a realização da profecia nietzscheana do artista, do livre jogo dionisíaco com as identidades; mas também pode ser que, por isso mesmo, o indivíduo, sempre que se fizer presente, insista em descobrir quais podem ser seus caminhos como singularidade qualitativa. (RÜDIGER, 2002, p. 134).

Poderia se crer que estaria na humanidade a se cumprir tal profecia feita por Friedrich Nietzsche. O livre jogo da identidade que não é composta de uma única natureza, mas de duas. Apolínea da ordem, das regras e das virtudes e dionisíaca da desordem, das festas, dos prazeres, dos vícios. Seria o ser humano na visão de Nietzsche muito mais plural do que se imagina. Assumir sua humanidade com tudo isso que ela carrega no humano demasiado humano para que na vontade de potência ou vontade de poder se chegue ao *übermensch* - além do homem.

Para Heidegger, Nietzsche, assim como os pensadores anteriores da história do esquecimento do ser, acaba dando uma resposta ao ente, mas ainda assim é uma resposta metafísica que aponta para um sentido que em suas palavras só pode ser compreendida pelo pensamento. Kampff afirma:

Na linguagem da metafísica moderna, 'vontade' e 'querer' não se referem apenas ao fato de a capacidade da alma humana se expressar pela vontade do querer, mas que o ser em sua totalidade possui a sua essência através da vontade. Essa manifestação do ser como vontade só pode ser compreendida através do pensar. (KAMPFF, 2017, p. 75-76).

Para Heidegger, a questão do ser desaparece na filosofia de Nietzsche e a verdade só é tolerada como manutenção da vontade de poder. Nas palavras de Kampff:

O ser tornou-se um mero vapor, tão desvalorizado que desaparece diante da vontade de poder. Por outras palavras: Nietzsche não equipara mais ser e verdade como valores supremos; para ele, a verdade é apenas tolerada na medida em que é considerada como um valor indispensável à manutenção da vontade de poder. (KAMPFF, 2017, p. 83)

Esse caminho, que para Heidegger é um declínio, apresenta uma vontade de poder que continua querendo a si mesma, sendo o eterno retorno do mesmo o ápice do nihilismo e que a vontade de poder busca eternizar-se querendo a si mesma. Aqui se dá a consumação da metafísica e o fechamento da história do ser.

Qual a ligação da vontade de poder com a técnica? “[...] é a vontade que dá a medida para a dominação e determina que só é real aquilo que pode ser objetificado. [...]” (KAMPFF, 2017, p. 84). É a técnica que na contemporaneidade objetifica. Objetificação que atinge o *Da-sein* no processo de se reconhecer na formação da própria identidade enquanto ser-aí existente dentro do tempo e da história.

Ainda sobre o fenômeno da internet no fim do século XX Rüdiger diz:

No final do século XX, também se encontra esboçado, porém, um outro estágio avançado desse processo de racionalização tecnológica da existência, cujo foco não é mais a economia, a política ou mesmo a produção cultural, mas, mais diretamente, o próprio modo de ser humano. (RÜDIGER, 2007, p.70)

Acontece a racionalização tecnológica da existência. Na linguagem do Heidegger o pensar técnico que atinge toda a existência e inevitavelmente a existência da própria humanidade. Atinge de tal forma o *Da-sein* que produz além de toda cultura da cibercultura, passa a produzir o próprio ente humano, a produzir modos de ser no mundo. Isto é um processo histórico como afirma Francisco Rüdiger:

A cibercultura é o movimento histórico, a conexão dialética, entre o sujeito humano e suas expressões tecnológicas, através da qual transformamos o mundo e, assim, nosso próprio modo de ser interior e material em dada direção (cibernética). [...] “que vai além da visão orgânica e não tecnológica do homem proveniente da Antiguidade Clássica, do Renascimento e do Iluminismo! (Tofts, Jonson & Cavallaro, 2002, p. 3 apud RÜDIGER, 2007, p. 71).

Além de histórico é um processo dialético. Tal dialética ocorre entre o sujeito e as novas tecnologias. Esse choque afeta a humanidade tanto materialmente quanto no próprio modo de ser. Estaria então posto desde o fim do século XX uma estrutura cibernética. Primeiro como estrutura social e depois como estrutura do próprio ser do indivíduo. Rüdiger diz:

Decididos a evitar o formalismo abstrato que tanto vitima a filosofia da técnica contemporânea, a conclusão a que chegam em seus estudos é a de que a tecnologia é, às vezes, determinante do processo histórico e da formação da vida social. No caso, seria isso que estaria ocorrendo sobretudo agora, quando a técnica tende a se

tornar menos uma coleção de instrumento do que o principal elemento definidor do ambiente em que vivemos (p. 72-92; p. 299-314 apud RÜDIGER, 2007, p. 88-89).

A técnica moderna que começa pouco a pouco por meio do nascimento da internet e das novas tecnologias ligadas a ela a define o ambiente em que a humanidade passa a viver. Até mesmo as gerações são diferentes, dos que nasceram antes da era digital para os chamados nativos digitais. O mundo não é o mesmo de quem viveu a infância e adolescência nos anos setenta e oitenta para as crianças e jovens do século XXI.

“[...] Para ele, a técnica pode e deve ser vista como o elemento definidor do modo de vida moderno, desde que não se perca de vista os conteúdos simbólicos (não técnicos, diríamos) com os quais ela se associa ao longo de nossa história.” (RÜDIGER, 2007, p. 89). O modo de vida foi alterado pela técnica moderna. E com o passar do tempo, cada vez mais ela tem se apresentado como definidora no modo de pensar, de agir e de ser no mundo.

Rüdiger continua dizendo:

Conforme seu esquema, o fenômeno técnico passa por três fases, cada qual portadora de um conteúdo (cultura) específico. Na etapa primitiva, esse é a magia. Na fase antiga, sugeriríamos, aquele é mítico. Na modernidade, trata-se, continua o autor, da tecnocultura, entendida por ele como razão científica aplicada. Atualmente, enfim, no contexto da chamada era pós-moderna, aparece uma nova forma de sociabilidade: a cibercultura é o conteúdo da tecnocultura (Lemos, 2002, p. 56 apud RÜDIGER, 2007, p. 89)

O avanço histórico da técnica está marcado pelo aspecto mais humano possível a cultura. A cultura que vai ser considerada e até mesmo produzida de forma diferente de acordo com o momento em que a humanidade se encontra. São fenômenos possíveis e passíveis de serem observados e analisados. Na atualidade, estaria a humanidade produzindo uma cultura digital ou virtual, a tecnocultura. Dentro dessa encontra-se a cibercultura com a internet com todos seus elementos.

“Lemos afirma que a cibercultura é o resultado de uma reunificação da ciência com a cultura, e vice-versa, conforme as separou o projeto tecnocrático moderno.” (Lemos, 2002, p. 285 apud RÜDIGER, 2007, p. 91). Ciência e cultura, cultura e ciência gerando a cultura do homem pós-moderno, a cibercultura. Sobre tal fenômeno Rüdiger diz:

Pensamos que é um avanço ver no fenômeno um “fruto da cultura” e de “novas formas de relação social”, mas para tanto não se pode passar por alto a origem, caráter e sentido dessas últimas (as relações sociais). Noutros termos, não se pode dispensar uma reflexão histórica sobre suas conexões concretas, sob pena de não se saber se são essas relações que explicam a cibercultura, ou é a cibercultura que as explica no tocante ao significado histórico. (RÜDIGER, 2007, p. 91).

Encontra-se então a humanidade num momento histórico de muita complexidade. Onde na realidade se está diante de um paradoxo da experiência do ambiente digital e das relações humanas tão marcada pelo primeiro. O que explicaria o quê? Para uma melhor compreensão do fenômeno, deve se fazer a análise ou observação partindo do ambiente digital? Ou das relações sociais sendo estas mais antigas para as redes sociais no ciberespaço? É justamente por tal complexidade que Francisco Rüdiger chama a atenção para uma análise fenomenológica deste momento do homem pós-moderno. Porque não existe um sentido único e correto para a melhor compreensão, mas vai depender de diversos fatores que se dão na consciência do indivíduo enquanto existente na era digital.

“Como dizia André Lemos, as tecnologias de comunicação contemporâneas promovem a cibercultura porque potencializam, em vez de inibir, as situações lúdicas, comunitárias e imaginárias da vida social.” (Lemos, 2002, p. 90-91 apud RÜDIGER, 2007, p. 93). Acontece a potencialização da própria imaginação e abstração humana. Visto como algo positivo como uma expansão da própria humanidade e das suas experiências de forma até mesmo cada vez mais ilimitada. “Por um lado, verifica-se o triunfo do imaginário capitalista, da ideia de expansão ilimitada de um pretenso domínio racional sobre a existência.” (RÜDIGER, 2007, p. 155)

Rüdiger afirma:

A vontade de descobrir no elemento espontâneo e criativo da cibercultura um antídoto contra a frieza racional do mundo maquinístico corre o risco de se tornar uma publicidade cultivada à sombra do poder tecnológico. O reconhecimento daquele primeiro elemento precisa estar alerta para essa armadilha, se é para não cairmos numa celebração do espírito do tempo complementar à mitologização da tecnologia que emana, há séculos, do nosso próprio processo histórico universal. (RÜDIGER, 2007, p. 95)

Interessante que há na humanidade ao se deparar a todo momento com a frieza das máquinas ou dos aparelhos das novas tecnologias um desejo de escapar disso. O *Da-sein* enquanto Ser-aí é criador de mundos pela linguagem e pelas tonalidades afetivas. Os afetos fazem parte daquilo que se considera propriedade do ser humano. Aquilo que no senso comum popularmente chamado de “calor humano”. Esse, por sua vez, não pode ser encontrado na dimensão mais empírica da tecnologia.

Rüdiger diz:

Pensar a tecnologia como uma forma de potencialização material da imaginação, a cibercultura como articulação de um imaginário tecnológico, da dialética entre mito e razão, entre utopia e racionalidade, sem perder o espírito crítico a respeito de suas respectivas fantasias (do racionalismo e da mitologia) e sem abdicar de uma análise concreta de seu respectivo contexto social-histórico: eis, segundo nos parece, a tarefa central que, vendo bem, coloca-se com o tempo à reflexão crítica sobre o alcance, o sentido e as tendências da nova cultura tecnológica. Desenvolver uma reflexão nesse sentido é estabelecer uma relação crítica e dialética, ao mesmo tempo livre e consciente da nossa crescente dependência em relação à tecnocultura contemporânea. (RÜDIGER, 2007, p. 145)

A proposta está posta sobre a mesa. Apesar da proposta fenomenológica de autores como Francisco Rüdiger não pode se retirar os aspectos dialéticos sempre presentes. Desenvolver tal reflexão a luz da analítica fenomenológica existencial já colocada por Martin Heidegger na segunda metade do século XX é justamente analisar todos os elementos presentes na relação entre a técnica e o homem. Elementos como a dialética e social-histórico para, então, chegar ao cerne de uma problemática inicial, a dependência afetiva da humanidade para com os aparelhos e o ambiente digital. Esses que por sua vez lhe devolve culturalmente um modo de ser no mundo. “O sentido da técnica não está nela mesma, mas no processo de criação social sustentado pela coletividade. O problema ou questão da técnica, surgido nos tempos modernos, não provem da própria técnica. ” (RÜDIGER, 2007, p. 152). Rüdiger parafraseando Martin Heidegger em sua célebre frase de que, “Assim também a essência da técnica não é, de forma alguma, nada de técnico.” (HEIDEGGER, 2012, p. 11).

Sobre o modo de ver a tecnocultura Rüdiger vai dizer:

Dessa maneira, a tecnocultura contemporânea corresponde a um momento histórico em que, pensando corretamente, menos desaparecem as significações metafísicas do que se pretende – enganosamente – que elas possam se tornar cada vez mais funcionais e mecânicas, puramente técnicas e operatórias. Nesse sentido, a tecnologia poderia ser vista como expressão do império da vida social privada de alma ampliada ao conjunto da existência coletiva, como uma vez sugeriu Heidegger. (RÜDIGER, 2007, p. 156)

Ele chama a atenção para o fato de que há uma tentativa mesmo que inconsciente de desprender a tecnologia contemporânea de todo tipo de conceitos abstratos. O que está em jogo diante também do mercado econômico de propaganda capitalista é que quanto mais palpável, quanto mais empírico melhor. Funcionalidade e praticidade são palavras adotadas por todas as empresas que produzem as novas tecnologias. Mas, é um engano. Uma vez que há essa relação dialética entre a técnica e o ser humano, da mesma força em que a tecnologia influencia diretamente e problemáticamente como foi apresentado no Ser-aí inclusive na problemática da formação da identidade, as novas tecnologias, o ambiente digital é também pouco a pouco modificado ou moldado aos moldes dos sonhos e imaginários do ser humano. Como se fosse esse espelhamento ou ampliação da alma do indivíduo que se vê realizando tudo aquilo que colocou nas ficções científicas do século XX.

E continua o professor Rüdiger:

Assim, conviria que, sempre que possível, empregássemos o termo imaginário com o máximo de cautela, a fim de evitar suas implicações metafísicas no plano do discurso reflexivo. Existem termos mais neutros, como o faz o próprio autor em juízo neste capítulo, ao falar em “significações” (imaginárias) ou “criação histórica” (coletiva). Para dar conta da porção não empírica da coisa, pode-se por sua vez empregar de forma crítica e reflexiva a palavra “metafísica”, como o faz Heidegger. (RÜDIGER, 2007, p. 158)

Seria possível mesmo evitar as implicações metafísicas? Para Heidegger não. O imaginário (individual), a criação histórica (coletiva), implicações/significações são todos conceitos que podem ser usados no lugar da palavra metafísica. Essa por sua vez, assim como todos os outros conceitos devem ser empregados com todo cuidado. Deve ser respeitada a linguagem como expressão da escuta do Ser, mas principalmente para não perder de vista a capacidade do ente privilegiado o *Da-sein* – o Ser-aí – de crítica e reflexão.

Não é apenas a formação da identidade, ou a influência de um modo de pensar e de ser no mundo que é atingido pela essência da técnica (*Ge-stell*). Mas, também a memória entre outras coisas mais. Entretanto, no caso da memória é interessante analisar que, se antes o ser humano deveria usar toda sua capacidade racional para acessar o castelo da memória, hoje nas redes sociais existe algo que se chama “recordações”. (DESMURGET, 2021, p. 162). Ficam salvas fotos e postagens que tenha feito e quando completa um ano aparecem para o usuário estas recordações. De ano em ano reaparece essas recordações das redes sociais. A grande questão que está em jogo é uma questão metafísica. Há uma substituição de um processo físico, químico, neurológico pelo algoritmo presente no virtual. Este algoritmo está fazendo a função que é do cérebro. Em outras palavras, a substituição da parte cognitiva por algo técnico. E as vezes, pode ser que seja algo que o indivíduo não deseja se lembrar, que propositalmente na sua devida função cognitiva protetora tenha guardado aquele evento no inconsciente. Mas, a rede social, faz questão de agir no lugar da função que antes era único e exclusivamente do cérebro humano.

Estudos realizados por Michel Desmurget neurocientista francês diretor de pesquisa do Instituto Nacional de Saúde da França apontam que houve na humanidade um pequeno declínio do QI – quociente de inteligência. (DESMURGET, 2021, p. 24). Isto por dois motivos principais, primeiro por dormir menos e mal. No mundo capitalista os indivíduos têm que produzir mais e sempre, gasta-se mais tempo trabalhando ou se deslocando de casa para o trabalho. Se dividir entre estudar e trabalhar principalmente entre os mais jovens entre dezoito e vinte e cinco anos tem se dormido cada vez menos e com uma qualidade menor do que no passado. (MOROMIZATO, 2017 apud ANDREASSEN, 2012, p. 110(2): 501-51). O segundo motivo é o excesso de telas. Televisão, computadores, tablets e celulares. De acordo com uma pesquisa realizada pela Global Mobile Consumer Survey em 2017 com jovens entre 18 e 24 anos 45% dos entrevistados disseram que checam as notificações do celular até mesmo durante a madrugada hábito que pode ser muito prejudicial à saúde. O excesso e até mesmo a dependência como já foram bem-ditos nestas páginas podem acarretar maior número de ansiedade, estresse, TDAH, entre outras patologias. (DESMURGET, 2021, p. 152). Além da própria distração proposta no mundo digital em que se fica mais tempo online do que estudando ou lendo algo para própria alimentação de conhecimento e estímulo

cerebral. Além é claro de que com toda a vida agitada do século XXI estar com o celular na mão se tornou sinônimo de descanso. E ao deitar na cama se demora cada vez mais para dormir pelo tempo em que se dedica nos aparelhos de smartphones afetando o tempo e qualidade de sono que é o primeiro ponto. (DESMURGET, 2021, p. 156-157).

Portanto, se faz mais que necessário analisar, estudar estes fenômenos produzidos pela técnica moderna chamada hoje de tecnologia e de ambiente digital. E de como todos esses eventos produzidos pela essência da técnica (*Ge-stell*) afeta o ser humano. E esta proposta feita por Francisco Rüdiger entre outros pesquisadores na atualidade não seria possível sem uma base a partir da hermenêutica de uma analítica fenomenológica existencial do filósofo Martin Heidegger.

CONCLUSÃO

Pode-se perceber que a *Ge-stell* (armação, dis-ponibilidade) da técnica se faz presente nas novas tecnologias e no ambiente digital, só que numa proporção ainda maior do que quando Heidegger apresenta sua análise sobre a questão da técnica na segunda metade do século XX. Se o pensar tecnológico forçou a humanidade a pensar as estruturas e relações sociais de uma forma diferente, agora, no século XXI, a dinâmica é imensuravelmente superior.

É próprio da técnica instrumentalizar ou objetificar. Por sua vez, durante séculos, a técnica levou a humanidade a instrumentalizar a natureza e seus recursos atingindo, conseqüentemente, o olhar do homem sobre o próprio homem enquanto um ente também de dis-ponibilidade e dis-posição. A primeira consequência que se percebe é que já não se tem mais uma humanidade que se reconheça como existente no tempo e na história, como aqueles que são entes privilegiados; seja pela própria relação social ou com os demais entes, seja pela própria capacidade reflexiva do pensamento poético. Se Heidegger tivesse cruzado a linha para o terceiro milênio, muito provavelmente diria que agora se está vivendo a dominação da técnica e do pensamento tecnológico.

Se tratando das novas tecnologias e do ambiente digital está a *Ge-stell* enquanto dominação num grau muito superior. Nota-se nas novas gerações uma conexão ontológica com esses recursos e agora a dominação acontece da tecnologia para o ser humano enquanto ente privilegiado, na linguagem heideggeriana. Especificamente o ambiente digital, dos mais variados nomes que se possa dar a isso, se torna na sociedade contemporânea o *Ethos* - o ambiente formador das novas gerações. Ele molda e forma a maneira de agir, de pensar, de falar, de se divertir, afetando todas as esferas da realidade humana. Fenomenologicamente, é necessário sempre fazer uma análise de como essa experiência se dá para cada indivíduo na sua particularidade de existir. Mas, grosso modo, fica nítido como a grande maioria desses que usam frequentemente os dispositivos ou as redes sociais são acometidos seja pelo vício ou pelas patologias psicossomáticas desenvolvidas a partir desta relação dominadora do *Ge-stell*.

Além de todos esses malefícios, há o mais preocupante de todos: a perda da própria identidade. Quando se pode viver de várias formas ou como se tivesse

várias vidas, já não se sabe mais quem é, do que realmente gosta ou não e até que ponto é determinado pelo que é dado pela *Ge-stell* presente todos os dias nas telas do celular. Temos, então, o chamado pós-humanismos? Um humano multifacetado nas múltiplas realidades existentes no ambiente digital. E que ao tentar sanar esta disparidade do ente homem cada dia cria algo novo que ele possa se encontrar inteiro não aqui, mas lá no digital. Hoje, o metaverso propõe uma vida toda inteira imergida e vivida dentro da realidade digital.

Aparentemente, o pós-humanismo seria a total virtualização do ente homem e de todos os entes enquanto des-encobrir da própria realidade. Para Heidegger, este caminho é contrário à existência humana que é *Da-sein* – Ser-aí, é próprio da existência ser um movimento para fora; nesse movimento de estar lançado no mundo; mundo este que existia antes do seu próprio nascimento e continuará a existir depois da morte desse homem; que lhe torna antropologicamente um ser capaz de mundo e que, em sua multiplicidade, carrega várias dimensões fundamentais como a cultura, a linguagem, a historicidade, a ética entre outras. Por isso, é necessário para o autor uma ontologia fundamental, uma analítica existencial para uma melhor compreensão do ser do ente e das manifestações do ser.

REFERÊNCIAS

- ARENAS, Carlos I. **La investigación, la tecnología y la psicología opuestos, complementarios o integrados – una perspectiva psicológica para su clasificación y aplicación.** Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Perú, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **A modernidade líquida.** Tradução de Plínio Dentzien – Rio de Janeiro – RJ: Editora Zahar, 2001.
- CORNÉLIO, Angelina. **História da tecnologia: da pré-história ao metaverso.** Blog USE – Usemobile Soluções em Tecnologia Ltda, 2021.
- DESMURGET, Michel. **A fábrica de retinas digitais: Os perigos das telas para nossas crianças.** Tradução: Mauro Pinheiro, São Paulo: Vestígio, 2021.
- HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital.** Tradução de Lucas Machado – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens – Uma breve história da humanidade.** Tradução Janaina Marcoantonio. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2019.
- HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de floresta.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências.** Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- BUENO, Alexandre. Vício em games será considerado transtorno de saúde mental. **Faculdade de Medicina da UFMG**, 2020. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/vicio-em-games-sera-considerado-transtorno-de-saude-mental/>
- QUEIROZ, Laisa. Realidade imposta pela pandemia pode agravar transtornos mentais e agravar quadros existentes. **Ministério da Saúde.** Outubro de 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2021-1/outubro/realidade-imposta-pela-pandemia-pode-gerar-transtornos-mentais-e-agravar-quadros-existentis>
- KAMPFF, Vânia. **Heidegger e o outro pensar: uma leitura de *Que chamamos pensar?*** – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Ed. Reflexão, 2017.
- MOROMIZATO, Maíra Sandes. FERREIRA, Danilo Bastos B. SOUZA, Lucas Santana M. LEITE, Renata Franco. MACEDO, Fernanda Nunes. PIMENTEL, Déborah. **O uso de internet e Redes Sociais e a Relação com Índícios de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina.** Revista Brasileira de Educação Médica, Scielo, 2017.
- RÜDIGER, Francisco. **As redes e a armação: Da cultura do narcisismo ao fetiche tecnológico.** Revista Comunicação, cultura e mídias sociais;

organizadoras Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Margarida Maria Krohling Kunsch. Eca, USP. São Paulo, 2016.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores** / Francisco Rüdiger. – Porto Alegre: 2ª edição, Sulina, 2013.

RÜDIGER, Francisco. **Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo** / Francisco Rüdiger. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

RÜDIGER, Francisco. **Elementos para a crítica da cibercultura: sujeito, objeto e interação na era das novas tecnologias de comunicação**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

RÜDIGER, Francisco. **Martin Heidegger e a questão da técnica: Prospectos acerca do futuro do homem**. Editora Meridional/Sulina. Porto Alegre, 2006.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da cibercultura: Tecnocracia, Humanismo e Crítica no Pensamento Contemporâneo**. / Francisco Rüdiger. – Porto Alegre: Sulina, 2ª edição, 2007.